

A experiência noturna com o desenho:

um ensaio sobre a perlaboração

Bethielle Kupstaitis

Artista visual. Possui mestrado em Artes Visuais (bolsista CAPES) com ênfase em Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas. É Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Resumo. O presente trabalho parte de uma prática artística calcada no desenho realizado à noite, a partir de gestos repetitivos que constituem hachuras. A prática repetitiva da manualidade do gesto é abordada a partir do termo psicanalítico da perlaboração, cunhado por Freud e posteriormente abordado por alguns autores como Adorno e Lyotard. A perlaboração também está vinculada à prática do desenho no que se refere à sua capacidade de rememoração.

Palavras-chave. noite, repetição, perlaboração, desenho.

The night experience with drawing: an essay on working through

Abstract. This work is based on an artistic practice of drawing held at night whose repetitive gestures produce hatches. The repetitive practice of the hand-made-gesture is considered from the psychoanalytic term “working through” by Freud and later approached by some authors as Adorno and Lyotard. The working through is also associated to the drawing practice with regard to its ability to recall.

Keywords. night, repetition, working through, drawing.



A luz é levemente avermelhada. Às 20h, a casa está semi-escura e a luz noturna compõe colorações diversas com os objetos da casa. As sombras são instigantes. Perambulo por este espaço, penso que o desenho que realizo nesta casa, mesmo que em nada se pareça com a casa da minha infância, está intimamente vinculado às lembranças que permanecem latentes. Há, aqui, na experiência do desenho, um “foi” sem nunca “ter sido”, a inauguração de uma ação que acontece no mesmo momento em que presentifica o passado.

O fragmento textual acima foi escrito na noite de 13 de junho de 2013 e incumbe-se de relatar algumas incidências observadas e evocadas pela memória no instante em que o desenho #019 (Fig. 1) foi realizado.



Fig. 1 - Bethielle Kupstaitis: #019 (13 de junho de 2013), nanquim sobre papel, 15 x 21cm, 2013.

O desenho #019 foi desenhado pouco a pouco, em ambiente semi-escuro e iniciado na primeira hora do anoitecer, a fim de aproveitar a iluminação externa vinda da rua e das casas vizinhas. Os feixes de luz, vindos pela janela formavam sombras que abrangiam uma grande parcela da parede, fazendo com que os móveis parecessem sólidos densos de massa escura que mesclavam-se às sombras,



formando espécies de manchas negras ressaltadas através do branco da parede do cômodo.

Diante destas circunstâncias, ao meu desenho cabe registrar o que é possível ver, neste caso, apenas as sombras que os móveis projetavam na parede. Neste sentido, o desenho #019 instaura-se no desafio de capturar as contingências do cotidiano, desafio este transferido ao olho e à mão, confiando a esta última o ensejo em construir linha após linha, tramas sobre tramas, minuto após minuto, as sombras observadas. Focando na manualidade do gesto de desenhar, desejo pensar na recorrência e na repetição como forma de construção poética. E sobre isso gostaria de discorrer a partir de agora.

A recorrência a que me refiro está relacionada à ação repetitiva do gesto manual que constitui e instaura o desenho enquanto tal.

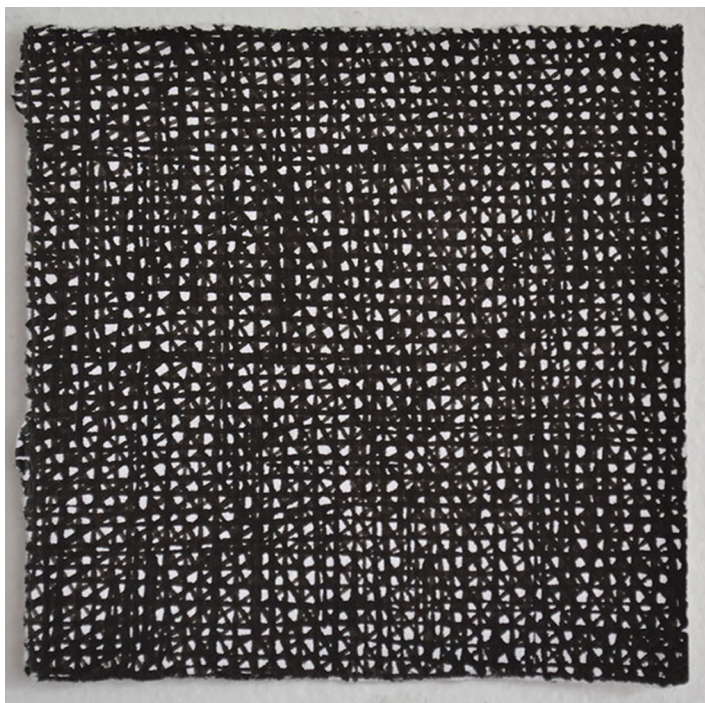


Fig. 2 - Bethielle Kupstaitis: Suporte hachurado de desenho em processo, nanquim sobre papel, 2013.



O desenho como perlaboração

A ação de desenhar dá origem a uma trama física (Fig. 2), que é expressa no papel, do desenho em pura materialidade que, para existir, leva à exaustão o gesto repetitivo da manualidade. Desta forma, a repetição é ação que instaura a prática de desenhar e, para pensar a repetição, desejo trazer à tona um termo inicialmente trabalhado por Freud que, posteriormente, torna-se indissociável da prática da psicanálise: a perlaboração.

Partimos de um pequeno ensaio escrito por Freud em 1914, intitulado *Recordar, Repetir e Elaborar*. Nele, Freud trata da perlaboração como uma ação que torna possível superar uma experiência traumática através da repetição ou atuação. Porém, a repetição da qual Freud se refere é uma ação inconsciente, vinculada ao reprimido. Conforme ele explica, o sujeito “não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação [...] Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber que o está repetindo” (FREUD, 1996, p. 165).

Repetir, segundo Freud, é uma maneira de recordar, mesmo que a ação repetida não estabeleça relação direta com o que foi reprimido. A compulsão de um ato repetitivo apenas denuncia um esquecimento ou um pesar do passado. A repetição passa a ser uma forma de recordar e, quanto mais resistência o sujeito tem para recordar, mais intensa será a sua ação repetitiva. Desta forma, o esquecimento transfigura-se em motivação para a ação. Mesmo que de forma inconsciente, como afirma Freud, o esquecer funciona como engrenagem para agir.

Segundo a psicanalista Angela Bernardes, Freud utiliza o termo *Durcharbeiten* que foi traduzido como perlaborar, e *Durcharbeitung*, que decomposto significa “trabalho” (*Arbeit*) “através” (*durch*), expressando uma ação contínua, de um trabalho de travessia. Como ela esclarece, “O sentido corrente do verbo *durcharbeiten* é trabalhar sem parar, trabalhar com esforço físico ou intelectual, trabalhar qualquer coisa a fundo, até o fim, de um lado ao outro, examinar a fundo” (BERNARDES, 2003, p. 38). Neste sentido, perlaborar configura-se como um trabalho contínuo que almeja um único fim: recobrar uma lembrança, ou como nos diz Freud, “preencher lacunas na memória” (FREUD, 1996, p. 163). Perlaborar também se refere a algo que é transformado pelo trabalho, pelo esforço “que a perlaboração implica: re-trabalhar, cem vezes, continuar, apesar e por causa do obstáculo, prosseguir. Até onde for preciso” (BERNARDES, 2003, p. 28).



Retomando a discussão acerca do desenho, pergunto-me: não seria o meu trabalho e, mais amplamente, o desenho uma forma de perlaboração? Meu desenho se efetiva quando me submeto a situações recorrentes, na escuridão, que me exige longos períodos que chegam a muitas horas sequenciais de observação. Esse mesmo desenho ganha corpo a partir de um esforço manual essencialmente gráfico que exige o máximo de atenção, do corpo e da mente. Não seria este trabalho, contínuo e extenuante, uma espécie de perlaboração? Refiro-me não a uma perlaboração psíquica, mas a uma espécie de perlaboração própria do desenho – ensaiando algo como uma “perlaboração gráfica”.

O desdobramento do termo Perlaboração se dá, posteriormente a Freud, quando outros escritores o exploraram. É o caso de Theodor Adorno e Jean-François Lyotard, que deram diferentes atribuições semânticas ao termo. Surge com Adorno a “perlaboração histórica” cunhada em 1963 no texto *O que significa elaborar o passado*. A perlaboração de Adorno refere-se ao trabalho de travessia do passado localizada no plano social: tem como base a experiência do nazismo pelos alemães. Conforme Adorno, o nazismo insuflou o orgulho nacional, que foi drasticamente danificado pela derrota do regime nazista: “Esses danos ocorreram no âmbito do meramente factual, sem que os indivíduos tenham se dado conta deles para poderem assim elaborá-los. Este é o sentido sócio-psicológico correspondente ao discurso acerca do passado não dominado” (ADORNO, 1963, p.).

Para Lyotard (1993, p. 94), a perlaboração é um aspecto do “pós-modernismo” que é entendido como “uma simples sucessão, de uma sequência diacrônica de períodos em que cada um é, em si mesmo, claramente identificável. O ‘pós’ indica algo como uma conversão: uma nova direção depois da anterior”. Em Lyotard, a perlaboração está relacionada à ideia de modernidade que precisa “romper com a tradição” e instituir um novo modo de viver e de pensar. “Suspeitamos hoje de que esta ‘ruptura’ é antes uma maneira de esquecer ou de reprimir o passado, ou seja, de o repetir, mais do que de o ultrapassar” (LYOTARD, 1993, p. 94).

Segundo Lyotard, os pintores modernos Cézanne, Picasso, Klee, Mondrian, dentre outros, elaboraram uma perturbação presente associando elementos inconscientes do passado como uma forma de perlaboração “efetuada pela modernidade sobre o seu próprio sentido” (LYOTARD, 1993, p. 97).

Há ainda outra articulação interessante para se pensar a perlaboração pelo



viés histórico. No ensaio *Sobre o conceito da história*, Walter Benjamin (2012, p. 243) nos diz que “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele de fato foi’”. Que, portanto, a rememoração implica em uma implacável perda devido à impossibilidade própria da sua realização, a não ser pela visualização de uma “imagem do passado que passa voando. O passado só se deixa capturar como imagem que relampeja irreversivelmente no momento de sua conhecibilidade”. Não seria esta “imagem que relampeja” o que a atuação repetitiva deseja recobrar?

Contudo, não desejo me deter na discussão histórica em torno da perlaboração, apenas retomar o poder semântico que o termo ganhou no decorrer do tempo. Para voltar às questões levantadas pelo desenho, a partir de considerações que notei em Freud, Adorno, Benjamin e Lyotard, gostaria de ressaltar o aspecto fundamentalmente dialético da perlaboração.

Com isso, quero dizer que a perlaboração é um trabalho de repetição que ocorre no presente, mas que, no entanto, tem sua origem ou motivação impregnada no passado. Da mesma forma, o desenho nasce de uma sucessão de instantes do momento em que é feito, no presente, configurando a ação como uma “força atual”, com poder de alterar a realidade. Ao mesmo tempo, está arraigado ao passado, onde tudo o que o constitui faz parte de um percurso histórico – inclui-se aqui tudo o que foi visto, pensado, articulado, que de uma forma irreversível o desenho abarca.

O desenho é um “trabalho de travessia” que se encontra justamente no meio, na ponte, experienciando o presente e acessando o passado em uma mesma conjunção de instantes. Repetir, desenhando, é construir o presente através de uma ação e ao mesmo tempo remontar ao passado.

O desenho rememora os acontecimentos passados como para reinserí-los, registrando-os numa parte da memória de que eles, quando ocorreram, não estavam. Trata-se de repetir, dando a cada desenho um outro e novo sentido, vivê-los novamente como se pela primeira vez. Desta forma, a perlaboração configura-se como uma reescrita, em seu estado dialético é um trabalho fadado ao inacabamento.

Através do termo *Durcharbeitung* ou “trabalho de travessia” Freud introduz a questão temporal à psicanálise. O trabalho da perlaboração é uma prática que exige tempo. Tempo para conhecer a resistência, para elaborá-la e perlaborá-la. Segundo Angela Bernardes, o tempo da perlaboração na psicanálise



está relacionado à necessidade de compreensão que incide numa suspensão, entre o ver e o concluir: “Trata-se de um intervalo lógico necessário mais do que de uma extensão cronológica, ainda que, evidentemente, tenha uma duração” (BERNARDES, 2003, p. 75).

O tempo do desenho não é diferente. Enquanto é realizado, o desenho é experienciado a partir das circunstâncias em que ele se desenrola, é cronológico; ainda que instaure um tempo de suspensão, pois enquanto não se apresenta concluído, está em plena busca de ressignificação. Depois de realizado, o desenho permanece em suspensão, apesar de materializado, está suspenso no tempo entre o que se vê e compreende assim como pelo seu poder de rememoração. O desenho não cessa de apontar para um tempo que não é o seu, “nos traz os indícios das primeiras coisas criadas, ecos de um mundo primitivo, primário, inicial. Fonte primeira, é também a testemunha fundante, o ponto de referência que faz surgir ou restaurar todos os mitos de origem” (JOHN, 2009, p. 174).

O desenho rememora o seu próprio passado e sua própria história através de qualquer desenho, seja ele um simples apontamento de um dado da realidade ou da imaginação. O desenho tanto evoca o passado, quanto fala do presente através de si mesmo, da mesma forma como não deixa de se projetar além, podendo abarcar o caráter premonitório. A prática de desenhar, de projetar algo, implica a ideia de futuro, de algo que se lança para além e relaciona-se à ideia de perlaborar quando se repete para atingir a superação, um desenho que supera o seu anterior, que se aprimora, mesmo que este processo se desencadeie de forma inconsciente. John Berger (1993) certa vez afirmou que o desenho é estático porque abrange o tempo, na conjunção de passado, presente e futuro o desenho é atemporal.

Para concluir a discussão acerca do desenho e da perlaboração, desejo ressaltar uma particularidade do desenho que o faz funcionar como um artifício contra o esquecimento. Voltando à Freud, a respeito da perlaboração, ele nos diz que o esquecimento “se refere a incidentes que não foram compreendidos quando aconteceram e que só podem ser interpretados e compreendidos *a posteriori*” (BERNARDES, 2003, p. 55).

Da mesma forma, o desenho não pode ser plenamente compreendido no momento em que nasce. Ele pode ser posteriormente interpretado, assimilado, mas nunca encerrado em si mesmo, pois oferece a cada novo olhar novas maneiras de ver, “o desenho fala, independente do que eu acho dele” (MEIRELES, 2009, p. 210) e o desenho continua a comunicar mesmo àquele que o realizou, depois de



passado muito tempo.

Assim como os acontecimentos sensíveis, o desenho pode demorar-se a sentir e, talvez muito mais a pensar, pois ele continua a produzir efeitos justamente porque o sujeito nem sempre foi dele testemunha. Nesta instância, o desenho é essencialmente dialético. Ainda que ele fosse capaz de superar todas as suas reservas, continuaria sendo impossível o articular por completo. Ele vai-se revelando, apresentando dados, apontando para diversas direções, abrindo brechas de sentido.

Retomando o que foi discutido previamente neste texto, ressalto que defendo a ideia de uma perlaboração que acontece em dois níveis. O primeiro, relacionado à minha poética, refere-se à perlaboração da minha prática em desenho que é instaurada a partir do próprio ato da repetição do gesto; na medida em que almejo recobrar uma perda, retomar e registrar uma lembrança, mesmo que no instante em que o desenho se realize, ela esteja resguardada, para somente depois revelar-se.

O segundo sentido, mais amplo, refere-se ao campo do desenho, que está em situar na prática de qualquer indivíduo ao desenhar, a rememoração de todos os desenhos anteriormente realizados, que apontam para a sua história e o seu passado. Bem como a capacidade do desenho de evoluir através de um trabalho que se aprimora a cada nova investida.

Referências

ADORNO, Theodor. *Como elaborar o passado?* Disponível em: <<http://adorno.planetaclix.pt/tadorno14.htm>> Tradução: Wolfgang Leo Maar. Acesso em: 15 de nov. de 2013, 20:00.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BERGER, John. Draw to that moment. In: *The sense of Sight: writings*. New York: Vintage Books, 1993.

BERNARDES, Angela C. *Tratar o impossível: a função da fala na psicanálise*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.



FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: Vol. XII. O caso de Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JOHN, Richard. 16 Notas para uma definição do desenho. In: MARTINS COSTA, C.; JOHN, R. (orgs.). *Vetor*. Novo Hamburgo: Editora FEEVALE, 2009.

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno explicado às crianças*: correspondência 1982-1985. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

MEIRELES, Cildo. *Encontros – Cildo Meireles*. In: SCOVINO, Felipe (org.). Rio de Janeiro: Editora Azougue, 2009.

Artigo recebido em março de 2014. Aprovado em maio de 2014.

